

Flávio Schmitt*

Recepção de São Paulo na obra *De procuranda indorum salute*, de José de Acosta

Resumo: A interpretação da colonização da América Latina costuma destacar os aspectos negativos do processo. A versão hegemônica do encontro entre europeus e povos americanos destaca a violência e escravização dos povos indígenas. Para os indígenas, a colonização, bem como a evangelização, são uma agressão à cultura e história. Contudo, em meio ao violento processo de dominação e exploração, também podem ser ouvidas vozes que defendem a causa indígena. O presente texto trata de estudar a obra *De procuranda indorum salute*, do jesuíta espanhol José de Acosta. Acosta viveu no Peru e publica esta obra sobre a atividade evangelizadora no Novo Mundo após o seu regresso à Espanha, em 1588. Nesta obra, o autor oferece uma descrição da situação de indígenas e espanhóis encontrada no Novo Mundo. Nesta descrição, interessa, de modo especial, a leitura e a interpretação que Acosta faz da vida e das cartas de Paulo.

Palavras-chave: José de Acosta, *Scholastica colonialis*, São Paulo, Escritura Sagrada, missão.

Abstract: The interpretation of the colonization of Latin America tends to emphasize the negative aspects of this process. The hegemonic version of the encounter between Europeans and American peoples highlights the violence and enslavement of indigenous peoples. For the native Indians, colonization and evangelization are an aggression against culture and history. However, amidst the violent process of domination and exploitation, voices that defend the indigenous cause can also be

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST em São Leopoldo / RS; Pós-doutorando no PPG em Filosofia da PUCRS; Flávio@est.edu.br

heard. This paper aims to study the work titled *De procuranda indorum salute*, of the Spanish Jesuit José de Acosta. Acosta lived in Peru and published this work about the evangelization in the New World after his return to Spain in 1588. In this book, the author provides a description of the situation of native Indians and Spanish people that was found in the New World. In this description, the main interest lies in Acosta's reading and interpretation about Apostle Paul's life and letters.

Keywords: José de Acosta, *Scholastica colonialis*, Saint Paul, Bible, mission.

Introdução

A colonização e a evangelização da América Latina por espanhóis e portugueses no século 16 deixaram marcas e sequelas que ainda hoje podem ser percebidas. Por um lado, o impacto negativo da colonização ao promover o genocídio de diferentes povos e culturas de norte a sul do continente. Uma marca de sangue, violência e opressão. Por outro lado, a evangelização, com os seus métodos e frutos, a ponto de a América Latina ostentar hoje o título de continente com o maior número de cristãos católicos do planeta.

O presente texto está inserido no âmbito dos estudos da *escolástica colonial*¹. Ele tem o objetivo de resgatar a contribuição de José de Acosta nas discussões relacionadas com colonização e evangelização. Tem como objeto de investigação a obra *De procuranda indorum salute*. Particularmente, está centrado no *Liber primus* da referida obra, e com o olhar voltado para a recepção de Paulo em José de Acosta.

Depois de uma introdução biográfica e contextual da atividade missionária, pastoral e literária de José de Acosta, investiga-se e analisa-se no artigo as referências às palavras paulinas presentes em cada um dos dezoito capítulos do primeiro livro do primeiro volume da obra *De procuranda indorum salute*.

1. José de Acosta

A vida e a formação de José de Acosta estão inseridas no contexto europeu do século 16, mais precisamente da Europa espanhola, de matriz católica, marcada pela presença e atuação dos jesuítas.

¹ Por «*Scholastica colonialis*», entende-se o estudo da recepção e do desenvolvimento, na América Latina, da Segunda Escolástica ou Escolástica Barroca, nos séculos 16-18. Para maiores informações sobre o projeto «*Scholastica colonialis*», cfr. R. H. PICH, «Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas à contribuição de Walter B. Redmond», *Scripta Mediaevalia* 4 (2011):2, 81-102.

1.1 Infância e família

O espanhol José de Acosta, filho dos mercadores Antônio e Ana Torres, nasceu na cidade de Medina del Campo (Valladolid), no ano de 1540. A família, de provável ascendência portuguesa e judia, era composta por seis irmãos e três irmãs. Além de José, também Bernardino, Diego, Jerônimo e Cristobal se tornaram jesuítas. Das três irmãs, duas se tornaram religiosas². A casa da família Acosta era vizinha do colégio da Companhia de Jesus. Todos os seus irmãos estudaram neste colégio em Medina.

1.2 Estudo e formação

José de Acosta entrou na Companhia de Jesus em 10 de setembro de 1552, aos doze anos de idade. Um mês depois de iniciar o noviciado em Salamanca, foi transferido para Medina del Campo. Em 1544, fez os primeiros votos. Estudou em muitas cidades: Salamanca, Medina del Campo, Plasencia, Lisboa, Coimbra, Valladolid e Segóvia, onde completou os estudos humanísticos (1552-1559); os estudos filosóficos e teológicos foram realizados em Alcalá de Henares (1559-1567), seguindo modelo escolástico-tomista³. Tendo brilhante inteligência, dedicou-se ao aprofundamento das ciências filosóficas e teológicas, destacando-se entre seus colegas⁴.

«A partir de ese año (1557) comienza una etapa itinerante por los colegios jesuítas de Castilla y Portugal: reside en Lisboa y Coimbra (1557); Valladolid (1558-1559); Segovia (febrero-octubre de 1559); Alcalá de Henares (1559-1567); Plasencia y Ocaña (1567-1569); Sevilla (marzo y abril de 1571); y, finalmente, San Lúcar de Barrameda (abril-junio de 1571), desde donde se embarca para América en calidad de misionero»⁵.

² O pai de Acosta, já idoso e arruinado, também foi acolhido em um convento da Companhia de Jesus; cfr. S. V. MARTÍNEZ, «José de Acosta: vida y obra», in *Thesaurus*, Instituto Cervantes, Madrid 1989, p. 390. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/44/TH_44_002_113_0.pdf>. Acesso em 15.10.2012.

³ *Ibid.*, p. 391: «haciendo acopio de un sólido y profundo saber en teología, Sagradas Escrituras, Padres de la Iglesia, Concilios, Derecho canónico, Derecho civil, Ciencias Naturales, Historia, etc., que más tarde pondrá al servicio de sus obras sobre los indígenas».

⁴ Cfr. J. V. do CARMO, *A proposta de evangelização de José de Acosta – Repercussões para a missão de hoje*, Biblos, Santa Maria 2003, p. 76. Para uma descrição mais detalhada da vida de Acosta, cfr. F. MATEOS, «Personalidad y escritos del Padre José de Acosta», in José de Acosta: *Obras del padre José de Acosta*, ed. F. MATEOS, (BAE, 73) Atlas, Madrid 1954. Coube ao P. León LOPETEGUI, *El padre José de Acosta S. I. y las misiones*, Inst. Gonzalo Fernandez de Oviedo, Madrid 1942, elaborar a primeira biografia documentada e completa de José de Acosta.

⁵ Cfr. S. V. MARTÍNEZ, *op. cit.*, p. 391.

José de Acosta foi ordenado sacerdote aos 26 anos. Iniciou a sua trajetória docente no colégio de Ocaña. Com a mudança da teologia de Ocaña para Plasencia, Acosta também foi transferido pela Companhia e continua sendo professor. Também era admirado com grande pregador de púlpito⁶.

Não obstante todo brilho intelectual e toda competência docente e pastoral, a saúde de Acosta era precária, devido a uma enfermidade até então desconhecida. O próprio Acosta descreve o seu estado:

«naturalmente fui siempre de complexión muy sana hasta que enfermé de una llaga en el pecho de la cual eché sangre mucho tiempo, teniendo calentura continua, de la cual enfermedad me ha quedado falta de fuerzas para entender en cosas corporales de trabajo, y algunas veces echo sangre, aunque muy poca»⁷.

Em razão da fase de expansão missionária na qual se encontrava a Companhia de Jesus, e em vista da frente missionária iniciada no Peru, Acosta sentiu o chamado para ser missionário na América espanhola.

Ainda na Espanha, acompanhava de perto a presença missionária de padres jesuítas na Índia. Em 1569, manifestou claramente aos superiores da ordem o seu desejo de partir para o Peru, onde poderia dar continuidade à atividade de professor e servir à Companhia no que fosse necessário⁸.

Não obstante já terem enviado duas expedições de missionários entre 1567 e 1568 ao Novo Mundo, havia necessidades pastorais a serem supridas, especialmente no âmbito educacional. Por isso, em 14 de dezembro de 1570, Francisco Borja escreve uma carta a Jerônimo Ruíz Portillo, primeiro provincial peruano, «comunicando o envio de Acosta como educador e pregador»⁹.

Acosta partiu de Salúcar de Barrameda em 08 de junho de 1571, na armada de Menéndez de Valdés. Com ele seguiam o irmão Diogo Martinez e o Pe. Andrés López. Depois de passar pelo México, Acosta ainda se deteve na Republica Dominicana, onde manteve contato com o arcebispo Andrés de Carvajal, antes de chegar ao seu destino. Acosta chega a Lima, no Peru, em 28 de abril de 1572 e ali permanece por 17 anos.

⁶ Segundo S. V. MARTÍNEZ, op. cit., p. 390, ainda em Medina Acosta compôs tragédias e comédias em latim como exercícios escolares.

⁷ Cfr. L. LOPETEGUI, op. cit., p. 42.

⁸ O ímpeto missionário desencadeado pela expansão da Companhia de Jesus motivou Francisco Borja a escrever uma carta de orientação aos estudantes, com o objetivo de contê-los; cfr. J. V. do CARMO, op. cit., p. 78.

⁹ Ibid., p. 78.

1.3 Atividade profissional

Acosta exerceu várias atividades profissionais. Além da atividade missionária e do ofício de professor na Universidad de San Marcos, onde ocupou a cátedra de Sagrada Escritura, Acosta também ocupou cargos de governo na Companhia de Jesus. Dessa forma, Acosta pode ser nomeado como teólogo, missionário, pregador e «el primer etnólogo americanista»¹⁰.

1.3.1 Na América

No Peru, Acosta fixa residência em Lima. Em fidelidade à missão para a qual havia sido enviado, Acosta dedica sete anos ao ensino de Teologia Bíblica e Moral no Colégio de Lima e mais doze anos ao Santo Ofício. Em razão da função de educador e pregador da qual foi incumbido pela Companhia, a sua atividade, no princípio, estava mais voltada para espanhóis do que para indígenas. Também participou ativamente do III Concílio Limense (1582-1583), como teólogo consultor.

«Su actividad en el Peru fue intensa y continuada: hizo tres viajes por el interior del virreinato del Peru (1573-1574, 1576-1577 y 1578-1579), lo que le brindó la oportunidad de conocer a fondo la realidad de la vida de los indios y de los españoles, además de ver con sus ojos las condiciones de vida y de trabajo de los indios que laboraban en las minas de mercurio de Huancavélica y de plata de Potosí»¹¹.

Na Universidad de San Marcos, ocupou a *cathedra* de Sagrada Escritura. Graças à inserção em meio aos indígenas, Acosta logo aprendeu a «lengua general» dos nativos, o *quechua*, língua de fundamental importância para a tarefa missionária.

1.3.2 Contexto peruano

Quando os jesuítas se instalam no Peru, no tempo do Rei Felipe II (1556-1598), mais precisamente em 1568, o Vice-Reinado do Peru já não vive mais o tempo da conquista, mas uma época de consolidação e organização da presença espanhola na região dos incas.

«cuando en 1568 los jesuitas pongan pies en Lima, estarán ya virtualmente superadas las etapas previas al típico Peru colonial: descubrimiento, conquista del Imperio Incaico y guerras

¹⁰ Cfr. S. V. MARTÍNEZ, op. cit., p. 416.

¹¹ Ibid., p. 392. Acosta permaneceu no Peru por 17 anos. Nesse tempo, desenvolveu uma ampla obra evangelizadora, cujos reflexos se farão sentir até o século 17.

civiles entre pizaristas y almagristas. Quedan ciertamente tierras por descubrir o conquistar ... »¹².

Ao chegar ao Peru em 1571, José de Acosta se depara com uma realidade nada animadora. De um lado a prática dos encomendeiros. De outro, as palavras de Las Casas. Diante da situação, Acosta faz uma proposta que aos poucos ganha terreno. Enquanto Las Casas era partidário do método da «pregação», Acosta propunha o método das «entradas». Para Acosta, o método de Las Casas parecia muito perigoso. Por esse motivo, recomenda as expedições missionárias escoltadas por soldados¹³.

«P. Acosta se inscribe en el grupo que defiende las tesis sobres los indios de Francisco de Vitoria; de ahí que adopte una postura de comprensión y tolerancia hacia los indígenas aún no generalizada en su tiempo»¹⁴.

Cabe destacar que os procedimentos e as ideias que nortearam os primeiros contatos entre espanhóis e indígenas no contexto andino ainda são pouco exploradas na pesquisa. O mesmo pode-se dizer de Acosta. A investigação do legado literário permite constatar o legado humanista dos primeiros missionários, bem como as reações dos indígenas diante da presença de europeus e da constituição de suas instituições.

2. José de Acosta escritor

Acosta é autor de uma vasta obra literária. Ainda no tempo de estudos escreveu peças para o teatro. Sobre a Escritura escreveu *De vera Scripturas interpretandi ratione ac de de Christo in Scripturis revelato*. Entre as principais obras, figuram *Historia natural y moral de las Indias*, *III Concilio Limense*, *Predicación del evangelio en las Indias*, cinco tomos de sermões e *De procuranda indorum salute*¹⁵.

«P. Acosta como «humanista reformista cristiano» la desarrolla M* Luisa Rivara (1970), y aquí la recogemos por parecemos que expresa bien claramente dos vertientes básicas del

¹² Cfr. X. ALBÓ, *Jesuitas y culturas indígenas*, Instituto Indigenista Interamericano, México 1966, p. 252. Também disponível em <http://www.ucb.edu.bo/BibliotecaAymara/docsonline/pdf/1754204711.pdf>. Acessado em 15.10.2012.

¹³ Cfr. J. I. SARANYANA et alii, *Teología en América Latina*, Iberoamericana – Vervuert, Madrid – Frankfurt, Vol. 1, 1999, p. 156.

¹⁴ Cfr. L. LOPETEGUI, op. cit., p. 249.

¹⁵ Cfr. F. MATEOS, op. cit., p. 24.

jesuíta: su formación humanista, de sello jesuíta, sólida y caudalosa, y, por otro lado, su espíritu activo, que pretende la puesta en acción de lo aprendido, y nada mejor que en la tarea apostólica de la conversión de los indios»¹⁶.

A variedade e a diversidade de autores mencionados por Acosta ao longo de suas obras têm chamado a atenção de seus leitores. Martínez¹⁷ apresenta um panorama dos autores e das leituras de Acosta, quando diz:

«Sólo echándole una ojeada al índice de autores antiguos, cristianos o no, manejados por Acosta (O’Gorman, 1979, págs. LXVII-LXXIV) nos percatamos de sus muchas lecturas: S. Agustín, Aristóteles, Avicena, Joao de Barros, Dioscórides, Estrabón, San Jerónimo y, al lado, contemporáneos como Luis Vives, el cronista Cabeza de Vaca, Las Casas, etc.; todos ellos no son sino una breve muestra del profundo saber que acumulaba: teología, geografía, medicina, filosofía, crónicas de Indias contemporáneas, poética, etc., y todo ello lo descubrimos al servicio de un fin: la conversión al catolicismo de los indios»¹⁸.

2.1 De procuranda indorum salute

A obra em latim contém dois volumes. O primeiro volume é composto de três livros. O primeiro livro, com 18 capítulos, leva por título «Esperanza de salvación de los indios». O segundo, com 19 capítulos, trata da «Justicia e injusticia de la guerra». O terceiro tem o título «Deberes sobre la administración civil» e contém 24 capítulos. O segundo volume começa com o quarto livro e tem por título «Los ministros espirituales». «El catecismo y el metodo de catequizar» é o título do quinto livro. O sexto livro trata da «Administración de los sacramentos a los indios». Na obra, Acosta expõe todo um programa de evangelização, um verdadeiro «tratado missiológico».

Acosta terminou de escrever *De procuranda indorum salute* em 1576, embora o livro somente tenha sido publicado na Espanha em 1588. Trata-se de uma obra fundamental para compreender o espírito missionário da época e as soluções pastorais adotadas pela Igreja no Vice-Reinado do Peru. O livro expressa bem o clima «que se preparaba em Sudamérica, y que habria de dar frutos tan copiosos em el siglo XVII». Além disso, a obra sintetiza «la quintaesencia de la teologia española de aquellos años»¹⁹.

¹⁶ Cfr. S. V. MARTÍNEZ, op. cit., p. 414.

¹⁷ Ibid., S. V. MARTÍNEZ, op. cit., p. 414.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Cfr. J. I. SARANYANA ET ALII, op. cit., p. 155. A obra recolhe o essencial dos saberes acumulados durante cinquenta anos de apostolado na América. As estratégias de Acosta serão encontradas no

No Prólogo, Acosta expõe com clareza e simplicidade a sua concepção antropológica dos habitantes do Novo Mundo. Apresenta uma tipologia dos nativos hierarquizada em três categorias, a saber, os que possuem uma organização política e uma religião, como os chineses e japoneses; os desprovidos de tudo, sem «fé, lei ou rei», como no caso dos tupis e dos caribes; e os bárbaros do Novo Mundo²⁰.

Na obra está sintetizada

«la quintaesencia de la teología española de aquellos años: el tema del universalismo de la salvación, las disputas acerca de la necesidad de la fe explícita em Cristo, las discusiones sobre la capacidad humana ante la llamada del Evangelio; y todo, com gran erudición tanto patristica como escolástica»²¹.

2.1.1 Aspectos da leitura

Ao tratar da recepção²² do apóstolo Paulo na obra de Acosta, duas observações preliminares se fazem necessárias. A primeira diz respeito ao modo de ler

17 no Maranhão, no Paraguai, na Nova França e mesmo no Oceano Índico. Cfr. J.-C. LABORIE, «A dispersão do saber missionário sobre as Américas de 1549 a 1610: o exemplo jesuíta», *Revista de História* 152 (2005) 9-27 (aqui, p. 14). Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n152/a01n152.pdf>>. Acesso em 15.10.2012.

²⁰ Cfr. Jose de Acosta, *De procuranda indorum salute*, (Corpus Hispanorum de Pace 23, 24) Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1984-1987. Vol. II, p. 59. Esses bárbaros são classificados em três grupos: a primeira classe diz respeito a «aquéllos que no se apartan gran cosa de la recta razón y de la práctica del género humano» (p. 63). A segunda classe inclui «aquellos bárbaros que, aunque no han conocido el uso de la escritura ni las leyes escritas ni la ciencia filosófica o civil, tienen sin embargo, sus magistrados bien determinados, tienen su régimen de gobierno, tienen asentamientos frecuentes y fijos em los que mantienen su administración política, tienen sus jefes militares organizados y un cierto esplendor de culto religioso» (p. 63). A terceira classe de bárbaros é formada pelos povos e regiões do Novo Mundo onde vivem as pessoas «sin ley, sin rei, sin pactos,, sin magistrados ni régimen de gobierno fijos, cambiando de domicilio de tempo en tiempo» (p. 67). Neste último grupo estão os «selvagens», semelhantes aos animais, que apenas têm sentimentos humanos.

²¹ Cfr. J. I. SARANYANA ET ALII, op. cit., p. 155.

²² A teoria e a crítica literária compreendem a *estética da recepção* como uma forma de reação aos estudos formalistas e marxistas e propõem uma valorização da dimensão da leitura e do seu efeito sobre o leitor. O principal objeto de pesquisa da estética da recepção é o receptor, o leitor. Os estudos de estética da recepção surgiram na Alemanha, no final da década de 1960, na Escola de Konstanz. Hans Robert Jauss e o seu grupo colocam o leitor e a recepção da obra literária no centro da análise. Nesse sentido, uma obra literária pode ter várias leituras, inclusive conforme o tempo em que são lidas. Cfr. ainda H. R. JAUSS, *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Ática, São Paulo 1994, pp. 23sqq.

a Sagrada Escritura de Acosta e dos jesuítas daquele tempo. A segunda trata da forma como José de Acosta utiliza a Sagrada Escritura no livro *De procuranda indorum salute*, particularmente o uso que faz de Paulo.

Quanto à primeira questão, convém observar que, ao usar a Bíblia, Acosta não desenvolve um estudo exegético como acontece com os estudos bíblicos na atualidade. A maneira de lidar com o texto sagrado está em conformidade com a tradição de leitura que tem a sua origem nos Pais da Igreja. Nesse processo, a hermenêutica antecede a exegese.

Em Acosta, a Sagrada Escritura é invocada como autoridade da mesma forma como são mencionadas as palavras dos Pais da Igreja, dos Papas, dos Concílios e dos grandes teólogos – especialmente Agostinho e Tomás de Aquino – e de filósofos como Platão e Sêneca.

Um exemplo dessa forma de ler o texto bíblico pode ser encontrada no Livro I, Capítulo 12³. Neste capítulo, o autor discorre sobre a salvação dos indígenas. Inicialmente Acosta observa que para os que estão distantes, que apenas ouvem falar dos sucessos da missão no Novo Mundo, tudo parece fácil. Porém, aqueles que estão envolvidos no processo se defrontam com as mais diferentes dificuldades, chegando à beira do desespero.

Acosta argumenta que não há nenhuma raça que esteja excluída da pregação do evangelho e da fé. Invoca as palavras de Jesus em Mateus 28.19 e a palavra de Atos 1.8. Conclui perguntando qual nação poderia ficar privada de ouvir a voz do Senhor. Na sequência, Acosta recorre às palavras de Paulo. Expõe que, embora seja verdade que Paulo tenha ensinado que nem todos acreditaram na mensagem (2 Ts 3.1-2), isso se deve a «una cierta perversidad y obcecación importuna»²⁴. Enquanto isso, João, no livro do Apocalipse (Ap 7.9), menciona os frutos copiosos que seguiram à proclamação do evangelho, alcançando todo povo, toda raça e toda língua. Por fim, chama atenção para o próprio testemunho da Escritura, que fala de raças e povos distantes alcançados pelo evangelho (Sl 67.32), inclusive os «etíopes» mencionados pelo profeta Sofonias (Sf 2.11-12).

Esse breve resgate mostra que Acosta emprega o texto bíblico de acordo com a fundamentação bíblica necessária para uma argumentação. Não há nenhuma preocupação em distinguir Antigo e Novo Testamento. Importante é que o texto citado dê fundamento ao argumento desenvolvido.

²³ Cfr. Jose de Acosta, *De procuranda indorum salute*, Vol. I, pp. 75sqq.

²⁴ *Ibid.*, p. 77.

Quanto à segunda questão mencionada acima, chama atenção o modo como Acosta emprega a Bíblia no livro *De procuranda indorum salute*. Embora a Escritura seja citada e mencionada praticamente do princípio ao fim dos dois volumes da obra, diante de alguns temas, preocupações e argumentos a Bíblia é requisitada com maior intensidade. Essa presença mais intensiva da autoridade da Escritura pode ser constatada especialmente no Livro I e no Livro IV. No primeiro, é tratada a questão da salvação dos indígenas. O Livro IV, tem-se como tema os ministros espirituais.

De modo geral, a leitura que Acosta faz de Paulo está diluída na própria leitura que Acosta faz da Bíblia. Nessa direção, Acosta recorre às palavras de Paulo para fundamentar ou discutir argumentos sobre os diferentes assuntos desenvolvidos na obra. Por esse motivo, não hesita em colocar diferentes autores bíblicos lado a lado na mesma fundamentação.

2.1.2 Recepção de Paulo

A análise da recepção de Paulo na obra *De procuranda indorum salute*, por questões práticas, irá se deter apenas no *Liber primus*. Essa delimitação se faz necessária em função da abundância de referências a textos de origem paulina.

O primeiro dos três livros que compõem o primeiro volume da obra contém 18 capítulos. Em todos os capítulos, há alguma referência ao apóstolo. Ao trazer Paulo para a fundamentação e o desenvolvimento dos diferentes temas tratados ao longo do Livro I, Acosta se vale de uma diversidade de possibilidades, que vai do uso de conceitos e concepções paulinas, passando por metáforas, analogias, citações, paráfrases de textos, comparações, até o uso de Paulo como exemplo de apóstolo a ser seguido. A Sagrada Escritura usada por Acosta possivelmente tenha sido uma versão da Vulgata.

No *primeiro* capítulo, Acosta começa argumentando que não há razão para o desespero quando o assunto é a salvação dos indígenas²⁵. O autor está convencido que não há raça humana excluída da salvação. Afinal, não há razão para que o Criador e Redentor despreze as pessoas que se encontram em lugares distantes e as tenha entregue ao esquecimento²⁶. Argumenta que os próprios apóstolos foram enviados a nações distantes sem que tenham se assustado com costumes ou desesperados por causa da mentalidade e costumes dos povos. Os apóstolos

²⁵ Ibid., p. 75.

²⁶ Ibid., p. 81.

se entendiam como devedores tanto a gregos quanto a ignorantes (Rm 1.14). Compreendiam que não havia judeu nem grego, bárbaro ou cita, mas apenas uma nova criatura que renova a imagem do Criador pelo conhecimento de Deus, conforme afirma Paulo em Colossenses 3.9-11. Por isso, Acosta afirma que não há razão para opor as promessas do amor divino às limitações e rudeza dos indígenas. Afinal, nenhuma raça de mortais pode ser excluída da salvação universal²⁷.

No *segundo* capítulo Acosta argumenta que é da vontade de Deus que «todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade» (1 Tm 2,4). Diante desse propósito, a fraqueza humana contraria as promessas e fecha as portas à salvação. Na compreensão de Acosta, os indígenas desprezaram Deus no conhecimento da natureza e continuam surdos quando lhes é pregado o evangelho. Entende que os indígenas estão afastados da luz do evangelho por causa da sua própria perversidade, pois se deixam fascinar antes pela luz dos relâmpagos do que pelo anúncio do evangelho²⁸.

Com as palavras do Salmo 18.5, citadas por Paulo em Romanos 10.18, Acosta compartilha a compreensão de que «la consumación del mundo no vendrá hasta que se haya divulgado el Evangelio por todo el universo»²⁹. O autor acredita que há uma progressão gradual condicionada aos desígnios eternos, e não necessariamente dependente dos êxitos humanos³⁰. Acosta lamenta o fato de que outrora os indígenas estavam privados da luz do evangelho e, agora que o podem receber abundantemente, estão privados de inteligência «y capacidade necesarias para percibir la doctrina de la salvación»³¹.

Acosta não poupa palavras, ao avaliar os alcances da evangelização. Ao descrever os indígenas, destaca o seu comportamento, o seu gênio e a sua natureza. Vivem na imoralidade, não respeitam as leis matrimoniais e da natureza, substituíram a razão pelo instinto. Contudo, diz Acosta, citando Paulo, «la fe sigue al mensaje y el mensaje es el anuncio de Dios»³², a língua é imprescindível para a obra de evangelização. Além da índole dos indígenas e da dificuldade da língua, as distâncias também tem se apresentado como obstáculo à evangelização.

²⁷ Ibid., p. 83.

²⁸ Ibid., p. 85.

²⁹ Ibid., p. 85.

³⁰ Ibid., p. 87.

³¹ Ibid., p. 89.

³² Ibid., p. 93.

O *terceiro* capítulo trata da motivação dos servos de Cristo. Eles não devem se assustar com as dificuldades enfrentadas na missão. Pelo contrário, a grandeza do empreendimento exige audácia e prudência. Além disso, a autoridade de Deus concede a força necessária para realizá-lo. Acosta menciona vários personagens bíblicos que foram guiados pelo Espírito de Deus³³. Diante da compreensão generalizada de que é muito difícil uma conversão sincera dos indígenas, Acosta argumenta que a pregação do evangelho nunca foi algo fácil e que os seus frutos são muito mais trabalhosos do que se imagina. Reconhece, no entanto, que a humildade é uma virtude fundamental para o evangelizador³⁴.

Depois de discorrer sobre os alcances da prática de Jesus e da pregação de João Batista, conclui dizendo que o maior consolo está em se ter realizado a obra de Deus. Quem se lança à evangelização nesse espírito, ainda que não veja frutos em seu trabalho, cumpre a sua vocação (Is 49.4-6). O autor vê conforto e consolo ao entender que não está preocupado com o que dizem as pessoas, pois tem entregado a sua causa às mãos de Deus, em quem deposita a sua esperança, e em cuja graça faz tudo e tudo suporta (1 Co 13.6), considerando as perdas como ganhos. Afinal, diz Acosta, «no estamos realizando nuestra própria obra, sino la de Dios». Conclui dizendo que o discípulo não é maior que o seu Senhor³⁵.

O *quarto* capítulo continua o tema do capítulo anterior. Aqui, Acosta convida os seus leitores a olharem para os apóstolos e as suas dificuldades. Menciona o exemplo de Paulo, que não mediu esforços enfrentando fadiga, perigos, lutas, adversidades climáticas, inimigos e toda sorte de obstáculos ao evangelho, Paulo, a saber, que na sua atividade missionária usa as armas de Deus para enfrentar o mundo (2 Co 10,4-5). Acosta conclui afirmando que os imitadores de Cristo somente venceram pela cruz³⁶.

A seguir, Acosta compara os obstáculos na evangelização dos indígenas com as dificuldades enfrentadas pelos apóstolos (1 Co 11-12) para com os judeus com as suas sinagogas, com os gregos com a sua sabedoria e com os romanos. No entanto, assim como Paulo não se envergonhou diante do evangelho e o anunciou (Rm 1.16) – o que também recomenda a Timóteo (2 Tm 2.8) – e enfrentou os obstáculos (2 Co 1.23), nesse mesmo poder supremo «tenemos que aguentar no

³³ Ibid., p. 97.

³⁴ Ibid., p. 99.

³⁵ Ibid., p. 103.

³⁶ Ibid., p. 105.

pocas molestias e inconvenientes»³⁷. Enquanto os apóstolos semearam o evangelho na pedra, os missionários semeiam na areia. Afinal, os péssimos exemplos e a avareza dos espanhóis não ajudam a edificar a fé. Por ser um negócio de tamanha magnitude, nunca houve facilidade na pregação do evangelho. Porém, é preciso colocar a esperança em Deus. Pois é Deus quem opera em pensamento e ação (Fl 2.13). Ele mesmo atua e faz crescer a fé (1 Co 3.6), para que o evangelho dê fruto (Cl 1.6)³⁸.

Acosta busca consolo nas palavras de Paulo para alentar e fortalecer o espírito dos obreiros (1 Co 3.8-9). A recompensa na vinha não está nos frutos, mas no trabalho realizado. O próprio Paulo que o diga. Afinal, depois de toda obra realizada, foi aprisionado por dois anos em Cesareia, não obstante os apelos ao governador. Acosta menciona ainda João e Tiago, que aparentemente também não colheram os frutos do evangelho que plantaram. Todos estes exemplos mostram que, mesmo que o fruto no negócio das almas seja paupérrimo, nem por isso os obreiros fieis a Jesus Cristo podem se dar ao luxo de deixar de suar com menos esforço e entusiasmo³⁹.

No *quinto* capítulo, Acosta discute as quatro objeções fundamentais contra a salvação dos indígenas, a saber, «substracción de la gracia divina, depravación de su naturaleza y costumbres, dificultad de la lengua, inconvenientes de lugares y vivienda»⁴⁰. Como argumento principal, sustenta que por mais bárbaros que seja os indígenas, não estão privados da graça de Deus. Acosta discute as razões pelas quais Deus teria permitido que povos inteiros permaneçam relegados à sua própria sorte (Ef 2.12). Que razão teria levado a graça e eleição divina a manter tantas almas excluídas, por tanto tempo, essa é uma equação que supera a razão humana, segundo Acosta. Ainda assim, o autor busca uma explicação em Paulo para estabelecer uma analogia entre a sorte dos indígenas, a de Israel e a dos gentios.

O apóstolo recorre à sabedoria de Deus (Rm 11.33) para explicar a inclusão dos gentios no plano de salvação. Eles foram chamados ao evangelho depois da obstinação de Israel (Rm 11.25-33), pois a graça divina abarca todos os povos⁴¹.

³⁷ Ibid., p. 107.

³⁸ Ibid., p. 109.

³⁹ Ibid., p. 115.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid., p. 117.

Depois de citar palavras de Ambrósio e Agostinho, Acosta reconhece que não existe povo tão abandonado pelo Criador que nunca tenha recebido o seu auxílio. Contudo, mesmo tendo a natureza como lugar e caminho para reconhecer a Deus, a fé vem pelo ouvir, como diz Paulo em Romanos 10.14. Se existem povos que ainda não ouviram nem receberam o evangelho, como no caso dos indígenas, isso se deve ao desígnio divino. Citando Paulo novamente (Rm 2.12), o autor conclui dizendo que os que pecaram segundo a lei, pela lei serão julgados. Porém, os que pecaram sem lei, serão julgados sem lei⁴².

No capítulo *sexto*, Acosta aborda a questão do chamado de Deus aos indígenas pelo evangelho. Sem dúvida, há povos mais dispostos e favoráveis aos frutos do evangelho, assim como há terrenos mais férteis que outros. Porém, quem chama não permite desdenhar a ninguém. Ainda que sejam rudes e volúveis; a quem menos se deu, menos será exigido⁴³. Por isso, nenhum povo, por mais inculto e selvagem que seja, pode ser considerado à margem da salvação pelo evangelho. Deus a todos predestinou para a vida. Aos evangelizadores cabe o «mandato de ir a todos, no desatender a nadie, llamar a todos, atraer a todos, reunir a todos»⁴⁴. Deus é firme em seu desígnio de que ninguém fique afastado da graça do evangelho. Deus quer a salvação dos indígenas e escolheu muitos para o seu reino⁴⁵.

O *sétimo* capítulo traz à tona uma questão metodológica fundamental para a missão, a saber, como modelar os indígenas para ganhá-los para Cristo? Com base em 2 Co 5.14-15, Acosta argumenta que é preciso humildade para conquistar os indígenas, como adverte Paulo. Em segundo lugar, é preciso dizer que Cristo morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para quem morreu por eles. Acosta não hesita em chamar de animais as pessoas que se parecem com os animais por sua capacidade de entendimento (1 Co 2.14). No entanto, reconhece que na igreja até esses animais têm lugar no plano de salvação: «Indudablemente, em la Igesia de Cristo se salvan hasta los animales, porque se há multiplicado la misericordia de Dios»⁴⁶. É parte do plano de Deus que ninguém se perca: «Una vez más te repito, no desesperes; el etíope o el indio es irracional; es en fin, animal. [...] a éstos, dice, hay que conducirlos a la fe com

⁴² Ibid., p. 125.

⁴³ Ibid., p. 127.

⁴⁴ Ibid., p. 129.

⁴⁵ Ibid., p. 137.

⁴⁶ Ibid., p. 139.

el cabresto de la palabra»⁴⁷. Mesmo para os indígenas, dados à gula e toda sorte de vícios, há salvação se forem educados na fé⁴⁸. O princípio a ser seguido é o amor: «Porque el amor disculpa siempre, aguanta siempre, espera siempre; es paciente, es amable»⁴⁹.

No *oitavo* capítulo, Acosta defende a tese de que a rudez dos bárbaros não é devida à sua natureza, mas aos costumes e à educação. Nascimento, clima natural e origem não determinam tanto a natureza indígena quanto a educação e os costumes semelhantes aos dos animais. Recorrendo às palavras de Paulo a Tito (1.2), argumenta que a pátria contribui para a perversidade dos costumes⁵⁰.

Acosta reconhece que é difícil modificar o comportamento humano. A história está repleta de exemplos do esforço empreendido para modificar comportamentos e da paciência necessária para tolerar a obstinação. Mesmo entre os indígenas, povo de dura cerviz como Israel, que peregrinou pelo deserto por 40 anos, há exemplos de como os costumes vão sendo modificados aos poucos, ainda que devagar. Onde a paciência e a benignidade de Deus são maiores que a maldade humana, não há razão para perder a esperança⁵¹.

No *nono* capítulo, Acosta levanta a questão da língua na pregação do evangelho. Reconhece o jesuíta que nem todos têm o dom de línguas ou o privilégio de falar a língua de todos, como Paulo (1 Co 14.18). Acosta chama atenção para o comércio, onde não há distância, obstáculo que resista. Contudo, quando o assunto é buscar almas marcadas com a imagem de Deus, é alegada a dificuldade da língua⁵². A dificuldade na comunicação ocasionada pelo desconhecimento da língua pode ser amenizada pelo aprendizado da língua comum dos incas, o *quéchua* e *aimará*, «no tan difícil de aprender». De qualquer forma, depois de cessar o dom de línguas, só mesmo o amor (1 Co 13.8) ardente em Cristo⁵³.

O *décimo* capítulo tem por título o modo de viver dos índios. O argumento de Acosta está baseado na compreensão de que não há lugar, condição ou dificuldade

⁴⁷ Ibid., p. 141.

⁴⁸ Ibid., p. 147. Aqui Acosta apela para o rigor da disciplina para gerar a obediência. Sem coação, não há obediência: «Habrà que usar a veces la vara, pero por amor a Dios». Propõe o trabalho e o temor como forma de educação.

⁴⁹ Ibid., p. 149.

⁵⁰ Ibid., p. 151.

⁵¹ Ibid., pp. 155, 157.

⁵² Ibid., p. 161.

⁵³ Ibid., p. 163.

que possa afastar o servo de Cristo do empenho pela causa do evangelho. Citando a Carta aos Hebreus (Hb 13.5-6), recomenda sobriedade e coragem para enfrentar as adversidades⁵⁴.

No *décimo primeiro* capítulo, Acosta chama atenção para os obstáculos que derivam dos espanhóis para a pregação do evangelho. Os espanhóis negam com fatos o que confessam com palavras. Lamenta Acosta que os indígenas mais familiarizados com os espanhóis têm os costumes mais depravados⁵⁵. Os sacerdotes, ministros de Deus, deveriam ser os primeiros a fazer frente aos abusos praticados pelos senhores dos índios e de todo braço secular⁵⁶. Acosta também faz uma crítica aos sacerdotes por cuidar de seus próprios interesses e descuidar da salvação e do bem-estar dos índios: «los sacerdotes no sólo predicán a sueldo, sino que lo que ante todo buscan es el sueldo? [...] Qué estima de la vida cristiana va a tener el indio que ve su párroco ir todos los días em busca de plata, hablar de plata, acostarse sobre plata?»⁵⁷. O resultado para o testemunho do evangelho não poderia ser mais catastrófico. Diz Acosta: «En consecuencia, juzgan de nuestra fe por nuestra conducta»⁵⁸. Acosta cita Romanos 2.24, em analogia à argumentação paulina, para denunciar que o comportamento dos espanhóis em geral e dos sacerdotes em particular não é digno do evangelho de Cristo⁵⁹.

O *décimo segundo* capítulo é um dos mais extensos. Nele, trata-se da castidade e da renúncia para pregar o evangelho. A situação dos sacerdotes «está casi identificada com la de los indios»⁶⁰. Acosta aponta como maiores obstáculos à pregação e educação na fé a avareza, a desonestidade e a violência. Por outro lado, as virtudes que mais promovem o evangelho são a sobriedade de vida, a renúncia a todas as coisas e a mansidão. Diante do quadro lamentável de desvio de conduta de sacerdotes e cristãos, Acosta menciona os conselho de Paulo a Timóteo (1 Tm 5.22) e Tito (Tt 2.7) acerca da castidade perfeita. O exemplo é fundamental e necessário para o pregador. Nada desabona mais a função sacerdotal que a

⁵⁴ Ibid., p. 167. Neste capítulo, Acosta manifesta a sua esperança com relação a criação de reduções de povos indígenas. Essas têm o propósito de reunir os indígenas em comunidades, para que não vivam dispersos.

⁵⁵ Ibid., p. 171.

⁵⁶ Ibid., p. 175.

⁵⁷ Ibid., pp. 177, 179.

⁵⁸ Ibid., p. 179.

⁵⁹ Ibid., p. 181.

⁶⁰ Ibid., p. 185.

luxúria e a avareza. A luxúria torna o pregador depreciável. A avareza o torna odioso. Acosta é muito enfático ao dizer que piedade não é um negócio. Depois de destacar que a única recompensa do pregador do evangelho sancionada pelo próprio Jesus é o sustento. Recorre a Paulo (1 Co 9.5.13-14; 15.10) para afirmar que o desprendimento evangélico é capaz de engendrar uma surpreendente força nos corações humanos⁶¹. Afirma que Paulo nem mesmo admite o sustento, razão pela qual o próprio apóstolo trabalha com as mãos, com o fim de não ser oneroso para ninguém. Acosta tem consciência que qualquer aparência de interesse pessoal interrompe o testemunho do evangelho e atrasa a eficiência do evangelho.

«Por conseguinte, si alguna calamidad hay que lamentar y llorar con abundantes lágrimas en todas estas Indias Occidentales (de las Orientales hastas el momento no lo tengo comprobado), es la avaricia y una insaciable codicia que padecen todos, desde el primero al último, desde el sacerdote al profeta»⁶².

Acosta complementa a sua argumentação dizendo que quanto mais ouro e prata são transportados para Europa menos almas se encaminham para o céu.

O *capítulo treze* trata do perigo que a violência representa para a fé. Como os povos indígenas não receberam o evangelho com sinceridade e liberdade, mas sob coação e fraude dos soldados que persuadiram mais pela espada que pela palavra, o mesmo sofre dano grave e quase irremediável. Falando da crueldade dos soldados, Acosta conclui: «Jamás há habido tanta crueldad em invasión algun de griegos y bárbaros»⁶³. Genocídio, guerra e peste são apontados como responsáveis pela redução drástica no número de habitantes, deixando os indígenas em situação deplorável. No entanto, nada se opõe mais à recepção da fé que a força e a violência: «Pois a fé não pode ser senão voluntária»⁶⁴. Acosta menciona Agostinho, quando diz que «crer é algo possível ao ser humano só se ele quiser; o resto lhe é possível ainda que não queira»⁶⁵. Por isso mesmo, ele recomenda a mansidão e delicadeza (Tt 3.2; 1 Tm 2.25) aos ministros do evangelho. Obedecer

⁶¹ Ibid., p. 189.

⁶² Ibid., p. 191.

⁶³ Ibid., p. 193. Neste livro, Acosta faz uma descrição da brutalidade e da violência praticadas pelos espanhóis. Menciona o costume de expor em praça pública as mulheres enforcadas, que no alto suspendiam os seus filhos enforcados em seus próprios peitos. O recado espanhol era claro: o motivo da força dos filhos é o suplício das mães estranguladas.

⁶⁴ Ibid., p. 197.

⁶⁵ Ibid., p. 197.

à fé é algo voluntário e livre para todo mundo. Uma fé arrancada à força não pode ser outra coisa que demoníaca, diz Acosta⁶⁶.

O *capítulo quatorze* trata do cristianismo vivido pela maioria dos indígenas. Neste capítulo, Acosta compara a situação dos indígenas com a situação dos samaritanos em 2 Rs 17.24-41. Assim como os samaritanos estavam prestando culto a outras divindades, assim também os indígenas não veneram ao Senhor e não seguem os seus preceitos. O modo religioso de ser dos indígenas de hoje segue o mesmo de seus antepassados⁶⁷.

O *décimo quinto capítulo* fala da esperança alimentada pelo espírito. Não há razão para desesperar de «nuestros samaritanos». Chegará o dia em que dirão: «También nosotros creemos que éste es verdaderamente el Salvador del mundo»⁶⁸. Parafraseando Colossenses 1.6, afirma Acosta: «La semilla que en el mundo entero fructifica y crece creemos que también en esta tierra árida e inhóspita alguna vez al fin há de dar fruto»⁶⁹.

Acosta se mostra extremamente confiante na missão entre os indígenas do incaico⁷⁰, quando afirma:

«e que por fin los pueblos indios por la benignidad de Espíritu Santo, serán muy enriquecidos en la gracia de Evangelio y presentarán al Señor de la gloria frutos abundantes»⁷¹.

Acosta diz que não percebe nem teme mais dificuldades que a escassez de ministros fieis e prudentes em Cristo. Se o Senhor enviar autênticos obreiros, e não os mercenários que estão aí, então acabará a esterilidade e brotarão colheitas fartas. Reconhece ainda que «la experiencia misma es sobrado testigo. Hay hombres de Dios, poquitos ciertamente, pero los hay sin duda, que han comprobado por sí mismos que la malicia de los indios no proviene de su natural»⁷². Por maiores que sejam as dificuldades, estas jamais estarão acima do mandato divino e de sua graça.

No *capítulo dezesseis*, Acosta trata dos frutos da pregação. Conforme a Escritura, os frutos da pregação são medidos pelo número de pessoas cativadas para

⁶⁶ Ibid., p. 197.

⁶⁷ Ibid., p. 201.

⁶⁸ Ibid., p. 203.

⁶⁹ Ibid., p. 203.

⁷⁰ Acosta utiliza a palavra ‘incaico’ com frequência no livro. Emprega o termo para se referir a tudo que seja relativo ou pertencente aos incas.

⁷¹ Ibid., p. 205.

o Evangelho (Mt 20.16; 22.14). Chama atenção para o esforço de Paulo, não obstante a graça já alcançada, em manter-se na luta para não ser desqualificado (1 Co 9.26-27). Paulo lembra os seus ouvintes da forma como os antepassados foram enriquecidos e agraciados com a proteção de Deus⁷³. Muitos são chamados, mas poucos efetivamente são salvos. Ainda que os filhos de Israel fossem numerosos como as areias do mar, só um resto será salvo (Rm 9.27). De acordo com a justiça de Deus, a colheita farta e os frutos abundantes não podem ser avaliados apenas pela conversão de milhares de pessoas: «Contento há de estar el obrero si en el cultivo y fruto de la viña há quedado satisfecha la voluntad de su Señor y heredero»⁷⁴. Ainda que seja feita dos números a medida par avaliar o êxito da missão, a «causa índia»⁷⁵ não está na multidão dos que renascem ou morrem em Cristo.

Acosta reconhece que há um esforço especial na evangelização voltado para as crianças. Ele chama atenção para o alto índice de mortalidade infantil. Não sabe dizer se o número das que sobrevivem é maior que o número das que morrem. Porém, reconhece que nenhum esforço pode ser melhor empregado do que esse que trata de salvar as crianças⁷⁶. Com relação aos adultos, todos deverão prestar contas à lei divina. Entre os indígenas, a morte revela o medo. Por isso, diante da morte mandam chamar o sacerdote para confessar com dor e sinceridade os seus pecados. Acosta aponta esse fato como sendo um sinal de esperança para a salvação dos indígenas⁷⁷.

Por fim, enquanto os servos de Cristo não estiverem comprometidos em «sudar fuerte por Cristo, no podemos acusar a la tierra de estéril». Se na condição atual do sacerdócio os frutos já existem, sem dúvida seriam bem mais abundantes se a dignidade dos sacerdotes correspondesse à dignidade do Evangelho⁷⁸.

Os frutos da paciência são tratados no *capítulo dezessete*. O capítulo começa chamando atenção para a paciência necessária, quando o assunto são os frutos na seara do Senhor. Assim como há um tempo para plantar e outro para colher (Ec 8.6-7), um planta e outro colhe. Acosta recorre a 1 Co 9.10 para sublinhar que aquele que planta o faz na esperança de colher frutos, sabendo que a autêntica

⁷² Ibid., p. 207.

⁷³ Cfr. 1 Co 10.1-5.

⁷⁴ Cfr. Jose de Acosta, op. cit., p. 211.

⁷⁵ Ibid., p. 211.

⁷⁶ Ibid., p. 213.

⁷⁷ Ibid., p. 215.

⁷⁸ Ibid., p. 217.

semeadura do Evangelho produz colheita, frutos para Deus: «Ninguna empresa grande, ninguna gesta gloriosa se há llevado a cabo jamás sin la paciencia»⁷⁹. O ensino da Escritura tem como meta principal levar a esperança e o consolo por meio da paciência (Rm 15.4). Por isso, os frutos da semente do evangelho não podem ser medidos somente pelos resultados do presente. A fé indígena talvez não tenha dados os frutos desejados pelos pregadores. A própria história está repleta de exemplos onde o começo foi difícil e adverso, mas, com esforço paciente, tudo foi superado e os frutos não tardaram em aparecer. Ao servo de Cristo cumpre lutar com todas as suas forças e a Deus dar a vitória. A tarefa é semear. A recompensa cabe a Deus (1 Co 3.7-9).

O *último capítulo* trata do futuro assegurado pelos frutos do presente. Acosta reconhece que o seu testemunho acerca dos indígenas «não só é pouco honroso, mas até mesmo absolutamente injusto e injurioso»⁸⁰. Para fazer frente a um aparente pessimismo e falta de esperança de frutos do evangelho entre os indígenas, Acosta se coloca em «defensa de la causa indiana». Em primeiro lugar, não há razão para colocar em dúvida a índole e a natureza «de estas gentes cuando se trata de la causa del Evangelio»⁸¹. Em segundo lugar, se o evangelho tivesse sido introduzido entre os indígenas da maneira como foi vivido por Jesus e testemunhado pelos apóstolos entre os gentios, os resultados não seriam diferentes. Se os indígenas tivessem visto os formosos pés que anunciam o evangelho (Rm 10.15), a situação seria outra depois de oito anos de presença jesuíta⁸².

Não há perspectiva de colheita mais promissora:

«[...] estos indios son inteligentes, dóciles, humildes, amantes de los buenos sacerdotes, obedientes, menospreciam el fasto y las riquezas (cosa que a algunos les cuesta creer), y una vez que han aceptado con sinceridad y de corazón la religión y la virtud, se mantienen constante en su proposito»⁸³.

E arremata Acosta: «Una cosa es cierta: dame varones apostólicos entre los indios, que yo a mi vez te devolveré le los indios frutos apostólicos». Pelas dis-

⁷⁹ Ibid., p. 211.

⁸⁰ Ibid., p. 231. Acosta reconhece que nem sempre falou bem dos indígenas, mas confessa sentir um profundo afeto pelos mesmos. Além disso, justifica assim a sua postura: “porque na defesa da causa indiana prefiro passar por um advogado moderado do que por um panegirista exagerado”.

⁸¹ Ibid., p. 231.

⁸² Ibid., p. 233.

⁸³ Ibid., p. 235.

tâncias percorridas e pela assiduidade aos sermões, «parecían arrastados por un hambre insaciable de la palabra de Dios»⁸⁴. Acosta conclui o primeiro livro rogando a Deus que conceda ministros dignos do Novo Testamento à evangelização dos indígenas do incaico⁸⁵.

2.2 O emprego da teologia de Paulo no Livro I da obra *De procuranda indorum salute*: síntese

Este percurso, pelo Livro I da obra *De procuranda indorum salute* de José de Acosta, mostra que o autor empregou a leitura bíblica de Paulo em inúmeras situações, seja para justificar, para argumentar, para exortar e até mesmo para denunciar. Nesse sentido, a partir das observações o uso que Acosta faz de Paulo, pode-se dizer o seguinte:

Primeiramente, a leitura bíblica de Acosta está situada no lugar do encontro e desencontro entre a cultura europeia e a religiosidade indígena. Isso significa que o lugar da leitura não é neutro. Tampouco Acosta procura neutralizar esse lugar. Pelo contrário, tem consciência da tensão na qual está inserido e das consequências de sua postura. Ainda assim, está focado na perspectiva missionária e evangelizadora.

Em segundo lugar, trata-se de uma leitura sintonizada com os desafios que não somente continuam na atualidade, mas que se tornaram centrais no contexto do pluralismo, da diversidade e tolerância religiosa. Nesse sentido, Acosta é precursor dos atuais debates envolvendo questões ligadas à relação entre cultura e religião, bem como ao lugar da Sagrada Escritura nesse contexto.

Em terceiro lugar, Acosta introduz os sinais da história cultural de um povo na fisionomia do texto. Na leitura de Paulo, Acosta encontra os indígenas peruanos. Para ele, as Escrituras Sagradas são uma narração da aventura de fé de povos que estão à margem da história política e social dos grandes impérios ou dos interesses essencialmente econômicos, como no caso dos espanhóis. Encontra-se, na Sagrada Escritura, um conjunto de relatos de e sobre pessoas marginalizadas, desprezadas, perseguidas, crucificadas, bárbaras, segundo o sistema social ateniense e romano, as quais, por graça e fé, arriscam-se a mudar a história humana e constituem o paradigma do resgate da dignidade e perspectiva de futuro desses povos.

⁸⁴ Ibid., p. 237.

⁸⁵ Ibid., p. 243.

Em quarto lugar, da leitura que Acosta faz de Paulo, pode-se concluir que se trata de uma leitura bíblica comprometida com sujeitos históricos, não com ideais ou teorias especulativas. Acosta percebe a identidade indígena, não como projeto individualista, mas como destino da existência humana no horizonte do sagrado, da solidariedade com toda a criação e a sociedade.

Em quinto lugar, finalmente, na leitura de Acosta, Deus e Jesus não são apresentados como transcendência impassível e imutável, mas como quem escuta com compaixão o clamor dos oprimidos e excluídos. De alguma maneira, a «opção pelos pequeninos», neste caso os indígenas do incaico, está contemplada na proposta de uma prática eclesial autêntica e genuinamente evangélica.

Considerações finais

Os dados biográficos permitem concluir que, além do contexto eclesial e do momento histórico vivido pela Espanha naquela região e no período de transição entre Idade Média e Idade Moderna, a família foi decisiva na formatação da vida vocacional e profissional de José de Acosta. Esse papel fundamental desempenhado pelo ambiente familiar é confirmado pela escolha da vida religiosa de seus irmãos e de suas irmãs.

Não obstante a dimensão humanista e pedagógica, o horizonte de Acosta está identificado com a perspectiva apostólica. Por isso, mantém uma postura reflexiva e ponderada diante da realidade, em grande medida fundamentada na leitura de Paulo.

No que diz respeito aos indígenas, Acosta constata um quadro lamentável. Tanto por conta da religiosidade indígena, que na sua compreensão não passa de idolatria, como pela presença de espanhóis, protagonistas da violência e exploração das riquezas do incaico. O autor reconhece, não obstante a natureza humana, que o modo de ser indígena é culturalmente determinado. Portanto, sujeito a mudanças. No «lado selvagem» dos indígenas, esses se identificam, especialmente no que diz respeito à imoralidade e idolatria, com povos outrora alcançados pela atividade missionária de Paulo (Gl 5.19-21). Nesse sentido, o texto bíblico, serve como chave hermenêutica para compreender a dimensão cultural dos indígenas e apontar para superação dos obstáculos à evangelização.

Por outro lado, Acosta parte do pressuposto de que não há pessoa, cultura, povo ou nação que não possa ser alcançado pela graça de Deus revelada em Jesus Cristo. Parafrazeando Paulo em Gálatas (3.28), Acosta reconhece que as barreiras étnicas, culturais e de gênero foram superadas pela cruz de Jesus. Na leitura de Paulo, Acosta encontra os argumentos e a fundamentação teológica

necessária para manter o seu otimismo em relação aos indígenas, seja do ponto de vista humano ou religioso. Nesse aspecto, não há como deixar de reconhecer a perspectiva universalista do evangelho presente na compreensão e leitura bíblica de Acosta.

No que diz respeito aos sacerdotes, fica evidente que Acosta tem uma percepção clara do papel estratégico que desempenham os missionários no contexto da evangelização das Índias. É na autenticidade da atividade missionária que os frutos da missão se manifestarão. Nesse contexto, o exemplo de Paulo como apóstolo abnegado, bem como a sua experiência de superação das adversidades em meio aos conflitos e às suas palavras de motivação e testemunho pessoal, deveriam servir de paradigma para a atividade evangelizadora no incaico.

Ainda que não seja tarefa fácil resumir toda a riqueza presente na leitura que José de Acosta faz de Paulo, no Primeiro Livro da obra *De procuranda indorum salute*, é possível afirmar que, dentro das categorias de interpretação que lhe são próprias, este jesuíta é acima de tudo um grande biblista, pioneiro em uma história de interpretação, em fidelidade ao povo indígena, que se estende até os nossos dias.

Referências Bibliográficas

- ACOSTA, Jose de. *De procuranda Indorum salute*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984-1987. 2 v. (Corpus Hispanorum de Pace 23, 24).
- ACOSTA, José de. *Historia Natural y Moral de las Indias. 1590*. Edición crítica de Fermín del Pino Díaz, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.
- ACOSTA, Jose de. *Obras*. Madrid : Atlas, 1954.
- ALBÓ, Xavier. *Jesuitas y Culturas Indigenas*. Disponível em <http://www.ucb.edu.bo/BibliotecaAymara/docsonline/pdf/1754204711.pdf>. Acessado em 15.10.2012.
- CARMO, José Vicente do. *A proposta de evangelização de José de Acosta : repercussões para a missão de hoje*. Santa Maria : Biblos, 2003. 295 p.
- CEIA, Carlos, s.v. “Estética da recepção”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1025&Itemid=2>. Acesso em 15.11.2012.
- DE LAS CASAS, Bartolomé. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. São Paulo : Paulus, c2005. 334 p.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, Ática, 1994.

- LABORIE, Jean-Claude. «A dispersão do saber missionário sobre as Américas de 1549 a 1610: o exemplo jesuíta», *Rev. hist.*[online]. 2005, n.152, pp. 9-27. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n152/a01n152.pdf>>. Acesso em 15.10.2012.
- LOPETEGUI, Leon. El padre José de Acosta. S. I. y las misiones. Madrid : Inst. Gonzalo Fernandez de Oviedo, 1942. 624 p.
- MATEOS, Francisco (ed). *Personalidad y escritos del Padre José de Acosta*. In: Obras del padre José de Acosta. Madrid, Atlas, 1954. (BAE 73).
- MARTÍNEZ, Simón Valcárcel. José de Acosta. Vida y Obra. 1989. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/44/TH_44_002_113_0.pdf>. Acesso em 15.10.2012.
- PICH, Roberto Hofmeister. «Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18», *Scripta*, 4, 2 (2011), pp. 81-102. Disponível em: http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/4682/05-hofmeister-sm-2011.pdf. Acesso em 15.10.2012.
- POLI, Mario Aurelio. *Teología y misión en “De Procuranda Indorum Salute (1588) de José de Acosta S.J. : un método de evangelización para los indios del Perú, s. XVI*, Estudio histórico, teológico y pastoral. 1997.
- SARANYANA, Josep Ignasi; Alejos Grau, Carmen-José. *Teología en América Latina. Madrid: Iberoamericana, Frankfurt am Main: Vervuert, 1999-2008. 3 v. em 4.*